

EDITORIAL

A construção de âncoras narrativas em tempos de plataforma digital

Conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Recebido

5 set. 2024

Aprovado

20 set. 2024

Narrar e formar elos para a constituição de uma sociedade ressonante

Narrate and form links to create a resonant society

Elizeu Clementino de Souza¹ , Maria Amália de Almeida Cunha² , Luciana Haddad Ferreira³ 

¹ Universidade Estadual da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidades. Salvador, BA, Brasil.

² Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, MG, Brasil.

³ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para: L. H. FERREIRA. E-mail: <Luciana.haddad@puc-campinas.edu.br>.

Como citar este artigo: Souza, E. C.; Cunha, M. A. A.; Ferreira, L. H. Narrar e formar elos para a constituição de uma sociedade ressonante. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v. 29, e2414561, 2024. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v29a2024e14561>

Tempo, atenção e habilidade

Narrar requer um estado de distensão. Para sermos capazes de reconstruir o vivido, selecionar elementos e ordená-los, de modo a apresentar ao outro uma narrativa que a ele se mostre significativa e que a nós faça sentido, é preciso tempo, atenção, disponibilidade e reflexividade. Estes nos parecem elementos paradoxalmente envolvidos na discussão aqui proposta.

O tempo das plataformas digitais e das redes sociais reduz o presente, enquanto o tempo vivido, ao instante. O que nos acontece parece só ter reconhecida existência se trazido instantaneamente ao digital. É o agora. Nesta relação, todo encontro exige uma *selfie*, cada momento convoca a um post, qualquer ocasião merece uma transmissão ao vivo, e o hoje se resume a muito mais horas destinadas a alimentar os equipamentos e redes do que a vivenciar as relações e estar com as pessoas. Assim, é um modo de viver que, estando no momento presente, dele nos exclui. Passamos a estar na virtualidade e na ansiedade da espera por *likes* e curtidas, num hiato temporal entre breves fragmentos da realidade presente, capturados e transformados em conteúdo.

Este tempo da virtualidade favorece a criação de modos outros de narrar. Em princípio, as narrativas, tal como pensamos, já não são suportadas por não se dobrarem ao formato do instantâneo: contar uma experiência vivida nem sempre cabe em vídeos de um minuto, carrosséis de dez imagens, mil caracteres de espaço. Mais além, percebemos que o próprio tempo do narrar convida a um prolongamento difícil de ser sustentado na atualidade: é preciso atitude contemplativa, reflexão,

revisitar o momento e tornar-se sensível a ele para escolher o que dizer e como fazê-lo. Se, nas plataformas digitais, o tempo é ágil e a busca é pela novidade, o que se conta pela narrativa talvez pareça ultrapassado, fora de lugar.

Há um entrecruzamento de tempos ficcionais e reais na escrita de quem narra, certa licença criativa que possibilita selecionar o que é pertinente contar dentre as memórias e histórias vividas, por se mostrar atual e relevante no momento presente. A pessoa que narra se orienta também pela ideia de quem serão seus interlocutores, a comunidade narrativa da qual faz parte, considerando as histórias e experiências dessas pessoas a quem se dirige. Ainda não é todo encontro que mobiliza o registro, mas aqueles que parecem ressoar algo e que trazem conexões com as vivências das outras pessoas. Aqui também há o contraponto com o que se produz e comunica via plataformas digitais, sobre as quais pouco se sabe acerca dos seguidores e cujos indicativos de efetividade são a quantidade (de visualizações, seguidores e de conteúdo produzido) e o impacto (a lacração, a entrega de algo que gere entretenimento e curiosidade a quem observa).

Se há distinção no tempo da virtualidade (como instante) e da narrativa (como presença), percebemos que a atenção também se manifesta de modo particular nessa tessitura. Narrar convida à percepção das sutilezas e, ao mesmo tempo, da totalidade do que é vivido. Importa menos a captação fiel de cada detalhe, pois, diferente de uma fotografia em alta resolução (sabendo que esta também é produzida a partir de escolhas e enquadramentos, mas aqui fazendo referência à capacidade de capturar detalhadamente uma imagem), contar a história implica escolhas e renúncias que orientem a atenção do interlocutor. Podemos dizer que, para narrar, é fundamental estar atento ao que lhe importa, de modo a capturar a complexidade e a singularidade do momento vivido, tendo, assim, elementos para elaborar, recriar e contar.

Em contraponto, as plataformas digitais convocam à atenção constante: algo acontece do outro lado do planeta e logo vira *trend*, ingressos para shows com filas virtuais, que se esgotam em minutos, uma palavra ou gesto de figura pública vira *meme*, um desconhecido consegue seu momento de fama com um *post* viral. O sujeito conectado é o que ri do *meme*, consegue o ingresso, sabe opinar sobre a *trend*, compartilha o viral. A ele, é requerida a participação e posicionamento de tudo, o tempo todo. Às redes, atenção plena. Perguntamo-nos: o que significa estar sempre atento e em vigilância? Quando tentamos apreender tudo, para que nada nos escape, qual é a intensidade e a reflexão que conseguimos tecer sobre todas essas coisas? Talvez, ao fotografar todo luar, fazer *check-in* a cada refeição, escrever slogans para qualquer evento, nos escapem os momentos contemplativos que orientam a atenção para a vida e nos ajudam a compreender sensivelmente a importância dessas vivências.

A habilidade do narrar também se afasta do modo como habitualmente se produz e veicula conteúdo nas plataformas digitais. Apoiados em Benjamin (1993), dizemos que a narrativa é uma forma artesanal da comunicação. O/a narrador/a provém do mundo dos artífices. Quem conta a sua história o faz de modo semelhante a quem borda, costura, esculpe ou cozinha: é preciso haver domínio de todo o processo do seu fazer, desde a concepção e ideias, seleção dos materiais e suportes mais adequados, à programação dos tempos e às estratégias de acabamento. É uma ação autoral, personalizada e singular.

Enfatizamos aqui a necessidade de domínio técnico para a realização deste fazer. Narrar é articular a memória e a ancestralidade de modo a torná-las vivas no tempo presente. É a forma de colocar a experiência e subjetividade do indivíduo a serviço de reflexões que são comuns a outros e que se concretizam no mundo por meio do discurso, na existência de modos de ser e sentir que por vezes são negados, silenciados, diminuídos. Para tanto, a pessoa que narra é considerada por

Benjamin (1993) a artesã da memória, aquela que se faz ouvir e que conhece tanto a tradição, quanto os modos de fazer deste contar.

Como os combatentes no final da guerra, que voltavam mudos dos campos de batalha, observados por Benjamin, presenciamos, na atualidade, uma legião de pessoas que parecem emudecer diante de novas formas de comunicação: as mesmas plataformas que subvertem o tempo e reconduzem a atenção convencem que nossas vidas reais e ordinárias importam pouco diante do extraordinário e perfeito mundo das novidades constantes com o qual nos deparamos virtualmente. Visualizar, curtir e compartilhar inauguram um novo modo de contato que, a nosso ver, desnarratiza a vida.

Dizemos isso por compreender que o discurso veiculado pelas redes virtuais é quase sempre monológico, orientado para si e para reafirmação das próprias ideias e princípios. Há uma desumanização pela falta do diálogo e da presença de um outro que é gente, que reage e interage, a quem a fala ou o gesto se orienta. Este modo de se posicionar é muito diferente da subjetividade que se explicita na narrativa. As singularidades do indivíduo são articuladas no narrar, de modo a conferir existência e dar visibilidade ao que é negado aos sujeitos quando a sociedade se organiza de maneira a naturalizar as desigualdades e pormenorizar o que se vive entre grupos excluídos e silenciados. Na contramão dos discursos hegemônicos, que se dizem leis gerais do modo de ser e estar na sociedade, a narrativa remete à experiência que se coletiviza, e que do coletivo se interioriza, pois dá materialidade ao que é vivido e que pode ser comum, refletindo como o vivido ecoa nos sujeitos. Defender o narrar é vital e, por isso, um compromisso político. Uma recusa à escalada do mérito pessoal, da monetização e do viral.

Assim como em outros espaços, sabemos que há brechas para a criação de novas identidades e coletivos no ambiente virtual. Reunimos, entre os textos publicados nesta seção temática, alguns testemunhos da inventividade, subversão e resistência que possibilita o trabalho em rede, a proposição de diálogo entre pares e a visibilidade de trabalhos transgressores por meio do digital. No entanto, as experiências que temos conhecido dizem respeito mais ao uso intencional e propositivo de recursos tecnológicos, tomados como novas estratégias, suportes ou instrumentos para ampliar o alcance e a difusão de práticas que se iniciam e perduram pelo encontro além da virtualidade. Também entendemos que seria ingenuidade aceitar a ocupação dos espaços de plataformas digitais como conquista ou avanço nas possibilidades do narrar. Se são numerosas as páginas e contas criadas com o intuito de trazer as histórias de vida e narrativas de formação de pessoas e grupos, sabemos que a moeda de troca pela existência virtual é a objetificação destes enredos. A subordinação compulsória e passiva às redes digitais é essencial para meta neoliberal de invisibilizar, ou de tornar inconcebível qualquer abertura para modos não opressivos de viver, e este projeto de produção de obediência e docilidade tem sido bem-sucedido em várias partes do mundo.

Entre um existir validado pelo consumir (histórias, imagens, enunciados, sensações, slogans) e pelo produzir (as mesmas histórias, imagens, enunciados, sensações, *slogans*), a falsa ideia de aceitação, visibilidade, projeção relação interação esbarra ainda na mediação dos recursos e algoritmos, que decidem quem deve ser visto, ouvido, compartilhado, impulsionado. Lidamos ainda com a proliferação de informações não verificadas, descontextualizadas ou diretamente falsas que distorcem a compreensão dos acontecimentos, contribuindo para a propagação de informações simplistas, polarizadas ou manipuladoras. Hoje, o deslumbramento é entorpecido ou deslocado por tudo aquilo que é divulgado como tecnologicamente “incrível”. A vida *on-line* gera demandas que são administráveis no interior de um isolamento autossuficiente e que regula inclusive o que é admissível sonhar (Crary, 2023).

Os perfis, alocados como em um cardápio, aguardam a seleção de seus visualizadores. Entre tantos milhares de eventos e episódios que evaporam em 24 horas, inviabiliza-se a construção de arcos narrativos, as histórias. Não quaisquer histórias, mas as nossas próprias. Aquilo que nos permite a identificação sensível com/no outro se dissipa e parece cada vez mais difícil de se preservar e/ou recuperar. Esta crise, que se soma a tantas outras na era do antropoceno, subverte a nossa relação com os espaços e com as pessoas, ou seja, com a natureza e com a humanidade. Uma das marcas da crise da narração, ou a aceleração da desnarrativização, é o esvaziamento de sentido da capacidade de ouvir e contar histórias e, com isso, a pormenorização da memória e da cultura para nossa constituição humana.

Parece que as formas de comunicação presentes nas plataformas digitais, como as redes sociais projetadas pelas grandes corporações, eliminaram a possibilidade de uma relação ética com a alteridade e com a angústia. Um dos fenômenos mais notados e, agora, banalizados da vida urbana contemporânea é a multidão atomizada de indivíduos que, um por um, parecem absorvidos pelo conteúdo das suas telas. Hodiernamente, em meio à incineração e à pilhagem de nosso mundo da vida, nos resta pouco tempo para comparecer ao encontro marcado com um futuro de novas formas de viver na Terra e uns com os outros (Crary, 2023).

O dossiê reafirma a necessidade da construção de elos e de âncoras narrativas, a fim de que seja possível criar comunidades de pertencimento, coletivos e histórias que possam ainda conectar pessoas. Dizemos isso por entender que narrar não pode ser um ato solitário, nem burocrático. É fundamental a insistência no movimento de coletivos que narram, redes de partilha que socializam e se apoiam. Por meio desta reflexão, pretendemos problematizar em que medida as plataformas digitais têm tensionado o debate acerca do processo de aceleração da desnarrativização e quais as possibilidades de reinvenção e resistência se delineiam na atualidade.

Sobre uma vida que vale ser vivida e narrada

Extrapolando os limites das plataformas virtuais, temos ainda percebido a incorporação da estrutura das redes na vida cotidiana. Fora das telas, também vigoram as soluções instantâneas e as relações fugazes. O tempo parece acelerado, e a vida acontece sem que tomemos ciência dela. Por que a vida é sentida, em diferentes lugares, apesar de todo o domínio técnico e de todo o bem-estar conquistado, mesmo entre as relativamente afortunadas classes médias, como uma luta diária? Sensação de estar dentro de uma roda, girando sem parar, cada vez mais velozmente, na qual o mundo se lhes opõe como uma lista de afazeres sempre mais longa. Se quisermos viver, como devemos dispor do nosso tempo?

Para pensar na estrutura e na qualidade de nossas vidas na atualidade, é preciso antes focalizar os padrões temporais. As estruturas temporais se conectam com os níveis micro e macro da sociedade. Nossas ações e orientações são coordenadas e adaptadas aos “imperativos sistêmicos” das sociedades capitalistas modernas por meio de normas, prazos e regulações temporais.

Para responder a tais questões, Rosa (2022) conceitua o processo de aceleração como sintoma e consequência de serem as sociedades modernas capazes de se estabilizarem apenas dinamicamente, de serem sistemática e estruturalmente dispostas a crescer, transformar-se e acelerar-se sempre mais para poder conservar sua estrutura e estabilidade. Para o sociólogo, a vida social moderna é regulada, coordenada e dominada por um regime temporal apertado e rígido, que não é articulado em termos éticos. Para Rosa (2022), o adoecimento psíquico em quadros como o *burnout* não é causado por muito trabalho, nem pela imposição de um andar mais rápido,

mas pela ausência de qualquer horizonte em direção ao qual se dirigir. O fato de que as pessoas devem “correr sempre mais rápido apenas para manterem-se em seus lugares” as esgota. É uma impossibilidade existencial.

Estudar a produção de sentido e de experiências em um tempo de plataformação do social (Cesarino, 2021) se faz particularmente necessária e urgente. Para entendermos esta lógica, é preciso analisar as normas temporais que governam nossas vidas. Em 1980, Guy Debord observou o grau de difusão dessas temporalidades: “quando o importante se torna socialmente reconhecido como o que é instantâneo, e vai sê-lo um instante depois – diferente e igual –, e que sempre substituirá uma outra importância instantânea, pode-se também dizer que o meio utilizado garante uma espécie de eternidade dessa não importância, que fala tão alto” (Debord, 2020, p. 171). A internet surge como reorganização maciça de fluxos de capital e da reconstituição dos indivíduos como “empreendedores dos seus capitais humanos”.

Ainda no cenário da aceleração, o filósofo Byung-Chul Han (2023) argumenta que o que existe hoje é um vácuo narrativo que se manifesta como um vazio de sentido e como desorientação, fruto de uma profusão de informações e cada vez menos histórias para contar e compartilhar. Assim, narração e informação seriam domínios opostos. Ao passo que a informação é aditiva e cumulativa, não é portadora de sentido, enquanto a narração transporta o sentido. Sentido significa direção. Estamos hoje, portanto, muito bem informados, mas desorientados. A informação fragmenta o tempo, ao passo que a narração produz um contínuo temporal, ou seja, uma história (Han, 2023).

Se, por um lado, o autor sustenta que a crescente informatização da sociedade acelera sua desnarrativização; por outro, o que explicaria o maciço compartilhamento de experiências, histórias e informações, em uma plataforma digital como o Tiktok? A gigantesca presença de figurações narrativas imagéticas sobre a escola, por exemplo, produzidas por jovens estudantes nessa plataforma, não seria justamente a necessidade de âncoras narrativas?

Narrar requer cada vez mais uma capacidade preciosa, o cultivo da empatia. Narrar só tem sentido se tivermos um outro, um interlocutor que se disponha a ouvir atentamente as nossas histórias. Porque narrar e escutar se condicionam mutuamente. Portanto, como afirma Han (2023), a comunidade narrativa é uma comunidade de ouvintes atentos, mas que se encontra sob ameaça, em um mundo onde o *tsunami* de informações intensifica a crise narrativa, afundando-nos no frenesi da atualidade. As informações fragmentam o tempo. O tempo é reduzido a uma faixa estreita de coisas atuais. A compulsão pela atualização desestabiliza a vida.

A digitalização põe em movimento um processo que, na sua época, Benjamin não podia prever. No decorrer da digitalização, a informação alcança um status diferente. A própria realidade passa a ser moldada por informações e dados. Através da digitalização na forma de informatização, a realidade é diluída. Este novo regime de informação assume uma forma inteligente (*smart*), que exige que comuniquemos constantemente nossas opiniões, nossas necessidades e preferências, que narremos nossas vidas, que postemos, compartilhem e curtamos (Han, 2023).

A crise da narração, para o autor supracitado, explica-se pelo fato de que hoje todos nós estamos presos e entregues à caixa preta algorítmica. É parte do desencantamento da modernidade digital tardia encobrir o vazio de sentido da vida postando, curtindo e compartilhando permanentemente, já que nosso tempo é diluído e seríamos incapazes de constituir comunidades de narradores, denotando, assim, a nossa incapacidade de criar vínculos, segundo Han (2023).

Todavia, embora a crítica do autor pareça procedente no que concerne ao tempo e ao ritmo de aceleração do tempo presente, uma vez que este se apresenta cada vez mais atomizado sem que sejamos capazes de viver o ócio e perfazer o arco narrativo, ou seja, muitas vezes nos sentimos

incapazes de narrar a história de vida de uma pessoa – do drama à tragédia do curso de uma vida, trabalhamos com a hipótese de que a experiência na produção de narrativas digitais pode se dada nas brechas dos domínios algorítmicos e em nos conectar uns aos outros, contribuindo para a formação de laços e comunidades de pertencimento.

Ao apresentar a seleção de artigos abaixo, reafirmamos a crença de que é possível pensar em uma sociedade outra, organizada a partir de uma lógica que não a da aceleração. Sabemos ser possível criar condições para uma vida com mais dignidade e equidade. A insistência na prática do narrar é também uma maneira de manter grupos atentos às histórias de luta e redes articuladas em favor das utopias que nos mantém atuantes na defesa por um bem viver.

Apresentação dos textos

No artigo que abre a seção temática, intitulado “*¿Cómo acontece hoy en día la (des) narrativización de la existencia?, esto es lo que nos dicen los relatos (audio)visuales (auto)biográficos, producidos por las generaciones mediáticas y digitales en transición*”, Diego Leandro Marín traz importantes apontamentos sobre o que considera uma das diversas crises ontológicas da modernidade avançada, a (des)narrativização da vida humana. Tomando como elementos reflexivos as narrativas (auto)biográficas e (audio)visuais de estudantes de universidades de diferentes países, o autor confronta a racionalidade técnica neoliberal que desumaniza e mecaniza, apontando seus limites e recuperando a experiência histórica, social e cultural como constitutiva de nossa humanidade.

Os autores Adelir Aparecida Barros, Bruno Gomes Pereira e Lucas Marinho de Barros propõem, em seu artigo “*Ressignificação da realidade nas redes sociais em tempos líquidos: criação de âncoras narrativas a partir da autorrepresentação*”, uma reflexão sobre o papel das mídias digitais no movimento de desnarrativização na atualidade e enriquecem o debate ao propor que pensemos sobre a necessidade imposta pelas mídias sociais de que se construam narrativas sempre impactantes, com ar de novidade e, portanto, falseadas, de modo a tentar fazer com o que o outro crie uma determinada imagem de si.

Também preocupada com os usos e potências dos recursos midiáticos na criação de narrativas, Heloísa Andreia Matos Lins sugere, em “*Neocolonialismos digitais e recuos civilizatórios através do agenciamento de infâncias e juventudes*”, a reflexão sobre o uso inusitado das tecnologias digitais como recursos centrais na mobilização e expressão do medo, do cansaço, da desafeção e do ódio; aponta tal estratégia como estruturante de um projeto neocolonial que se alicerça e se fortalece afetivamente pela destruição das memórias, dos conhecimentos históricos, científicos, culturais e ambientais, e discute, por fim, algumas possibilidades de enfrentamento nesses cenários.

Se as ameaças da desnarrativização estão bem apresentadas nestes primeiros artigos e ensaios, trazemos, na sequência, um texto que nos ajuda a pensar em alternativas para o enfrentamento da violência, opressão e silenciamento vivenciado na contemporaneidade. Compreendendo que a desnarrativização é também a negação do sujeito e de sua pertença ao contexto social, compreendemos que, ao defender a criação de âncoras narrativas, damos visibilidade e abrimos espaço para que coletivos se organizem e se reafirmem, histórias sejam contadas e memórias sejam cultivadas e preservadas. É neste contexto que se insere o artigo “*Epistemologia travesti: uma etnografia on-line de Sara Wagner York*”, de Fábio dos Santos Coradini e Edméa Oliveira dos Santos. Os autores buscam entender, ao acompanhar a trajetória de uma pesquisadora trans/travesti, como a cibercultura, as suas narrativas e a plataformação dialogam

com a produção de saberes científicos, formativos e inclusivos que são construídos, vivenciados e reafirmados cotidianamente nos espaços reais e virtuais.

Enfatizando a atuação docente em diferentes contextos e situações nos quais a narrativa pode ancorar identidades e fortalecer coletivos, trazemos artigos que evidenciam experiências do narrar. Em *“Entrevista Narrativa possibilitando a escuta de professores do sistema carcerário”*, Miguel Gomes Arbelaez Castaño Silva e Adair Mendes Nacarato destacam as potencialidades da narrativa como dispositivo de escuta de professores que atuam no sistema de educação carcerária no estado de São Paulo, cujas práticas são invisibilizadas pelas políticas públicas. Em *“Narrativas que deambulam: transgredindo potências coloridas na linguagem dos bebês”*, as autoras Fernanda Binda Alves Touret e Sandra Kretli da Silva, destacam os processos inventivos dos bebês que, camuflados em uma aparente inexistência, produzem narrativas compostas por manifestações corporais e palavras não ditas, levando também os adultos a (des)viarem de padronizações e plataformizações para alçarem modos singulares e múltiplos de narrar.

Ainda no campo da formação de professores, o relato de pesquisa de Letícia Oliveira Souza e Giseli Barreto da Cruz, intitulado *“Narrativas de pedagogas iniciantes: a docência nos anos iniciais do ensino fundamental em tempos de pandemia COVID-19”*, apresenta narrativas de pedagogas iniciantes que buscam a construção de memórias e significados sobre a experiência docente, mesmo em um contexto de solidão, angústia e despreparo intensificadas pela virtualização do trabalho no período pandêmico.

Os limites e as possibilidades da construção de narrativas por meio de recursos digitais são temas de outros artigos deste dossiê. Em *“Narrativas Digitais no contexto amazônico: experiências de formação docente em grupos de WhatsApp”*, Whasgthon Aguiar de Almeida, Raimundo de Jesus Teixeira Barradas e William Silva retratam a resistência de docentes diante dos entraves na proposição de atividades formativas centradas nas experiências e nos encontros humanizados no período de Ensino Remoto Emergencial decorrente da pandemia da COVID-19 em uma localidade no interior do estado do Amazonas, contexto no qual o único recurso disponível para contato e desenvolvimento de atividades era via aplicativo de mensagens. Já em *“Tecelagens, Narrativas e inclusão na Era Digital: os impactos e a evolução na Educação de Surdos”*, Erliandro Felix Silva e Luiz Renato Martins da Rocha apontam para as mudanças na forma como sujeitos surdos narram, se comunicam, aprendem e interagem por meio do uso de mídias sociais, aplicativos de comunicação e recursos educacionais digitais, debatendo a importância do avanço tecnológico para a composição de comunidades virtuais, de modo a fortalecer e ampliar as narrativas de surdos sobre sua própria educação e trajetória de vida.

Encerram a sequência de textos selecionados dois artigos que retomam a temática central da seção e os pressupostos da pesquisa narrativa implicada na formação humanizadora dos sujeitos. Em *“O tempo da espera em um tempo extremo: desafios narrativos da formação docente no presente”*, Juliana Marques de Farias e Maiane Liana Hatschbach Ourique discutem o potencial formativo da narrativa como ancoragem para a experiência no tempo da espera, tencionando os desafios da formação docente em um tempo extremo, de catástrofes e isolamento social, no qual as plataformas digitais modelam outras práticas educativas. Joelson de Sousa Moraes apresenta um ensaio intitulado *“Autobiografia, narrativa e pesquisa formação: princípios, conceitos e finalidades nas pesquisas qualitativas em educação”*, no qual defende a pesquisa formação como um dispositivo metodológico potencial para a produção de âncoras narrativas, que vem transformando os modos de fazer pesquisa e de se formar, trazendo o sujeito para o centro do debate e das discussões na contemporaneidade.

Por fim, acreditamos que a produção de outras narrativas não deixa de ser uma reação à aceleração social, uma vez que, como vimos, é possível perceber o surgimento de narrativas que resistem a esse ritmo acelerado, buscando modos de contar histórias que priorizem a profundidade, a lentidão e a reflexão. Estas mudanças refletem um contexto de produção narrativa que se adapta e, ao mesmo tempo, responde criticamente à aceleração social e às novas formas de produzir experiências no mundo contemporâneo.

Referências

- Benjamin, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre a literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas, v. 1, p. 197-222).
- Cesarino, L. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 2, p. 304-315, 2021. Doi: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39872>.
- Crary, J. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. [s. l.]: Ubu Editora, 2023.
- Debord, G. *A sociedade do espetáculo*. [s. l.]: Contraponto Editora, 2020.
- Han, B. C. *A crise da narração*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- Rosa, H. *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade-tardo moderna*. Petrópolis: Vozes, 2022.

Colaboradores

Conceituação; Análise formal; Investigação; Metodologia; Escrita – rascunho original e Escrita – revisão e edição: E. C. SOUZA, M. A. A. CUNHA e L. H. FERREIRA.